Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

ESCRITURA DE PROCESSO E O ARQUIVO CRÍTICO DA LÍNGUA NO CADERNO DE PENSAMENTOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Verônica de Souza Santos Flôr (IFBA)
Professora de língua portuguesa do
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Bahia – Campus Porto Seguro.

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões acerca de escritos inéditos presentes no acervo de Carolina Maria de Jesus, ao qual nomeio *Caderno de Pensamentos*. Entendo como um gênero documental importante para os estudos das letras negras no Brasil, em contexto de diáspora. Apresento que, apesar da relevância material e epistemológica desses cadernos para compreender os modos de escrever, pensar e formular linguagem na primeira metade do século XX (e antes dela), a academia sequer trouxe esse gênero para debate. A partir de uma reconstrução teórica, tenho desenvolvido o conceito de *escritura de processo* e demonstro que os cadernos operam como laboratórios linguísticos de larga importância para a constituição histórica da língua portuguesa — sobretudo pela presença de rasuras, versões intermediárias, interferências de oralidade, marcas idioletais, soluções gráficas não-normatizadas e sintaxes experimentais que raramente chegam às versões publicadas. Defendo, portanto, que o caderno de pensamentos constitui um *arquivo crítico da língua em movimento*, cuja ausência no repertório filológico compromete a compreensão de trajetórias textuais e da história da escrita em português.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, caderno de pensamento, escrita.

ABSTRACT

This article presents reflections on previously unpublished writings from Carolina Maria de Jesus's collection—material I designate as the "Notebook of Thoughts." I view this as a documentary genre of significant importance to the study of Black literature in Brazil within a diasporic context. I argue that, despite the material and epistemological relevance of these notebooks for understanding modes of writing, thinking, and language formulation in the first half of the twentieth century (and earlier), academia has not yet brought this genre into scholarly debate. Through a theoretical reconstruction, I have developed the concept of "processual writing" and demonstrate that these notebooks function as linguistic laboratories of great importance to the historical constitution of the Portuguese language—particularly due to the presence of erasures, intermediate versions, traces of orality, idiolectal markers, non-standardized graphic solutions, and experimental syntaxes that rarely appear in published versions. I therefore contend that the "notebook of thoughts" constitutes a critical archive of language in flux, the absence of which from the philological repertoire compromises our understanding of textual trajectories and the history of writing in Portuguese.

Keywords: Carolina Maria de Jesus, notebook of thoughts, writing.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Primeiras Linhas

Após um momento sabático da tese que me colocou em completo silêncio sobre a publicação acadêmica, retorno no Congresso de Pesquisadores Negros a compartilhar com interessados e curiosos reflexões de minhas andanças pela pesquisa acerca de corpos dissidentes.

Fato é que ainda estou em dívida, eu sei, com as publicações referentes aos estudos de minha tese de doutoramento acerca da colação dos testemunhos referentes ao texto de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, da escritora Carolina Maria de Jesus, a qual foi defendida no ano de 2023.

Tenho consciência da necessidade de publicizar tal estudo, uma vez que as informações ali contidas prometem movimentar análises já consolidadas em torno de reflexões sobre a obra supracitada e que considero um dos maiores eventos do mercado editorial brasileiro. No entanto, o que me move, nas linhas que compõem esse texto, não vai se tratar diretamente dos manuscritos da publicação de 1960, mas possivelmente foram, a partir deles, que novas reflexões ainda sobre a intelectual Carolina Maria de Jesus me levaram a um outro gênero escrito delineado por ela e ao qual caracterizo aqui como um caderno de pensamentos.

Como iniciei esse texto, foi em novembro de 2025, no X Congresso de Pesquisadores Negros/V Congresso de Pesquisadores Negros do Nordeste, realizado em Salvador, na Universidade do Estado da Bahia que dei os primeiros passos na apresentação do gênero aqui em destaque. Ali, ainda muito no início da pesquisa, apresentei características dos manuscritos referente ao Caderno e teço observações introdutórias sobre sua composição.

Neste artigo, meu objetivo é aprofundar minhas reflexões desembocando na compreensão de mais um gênero e, mais adiante, explicar porque o considero inédito. Isso pode nos condicionar a tratá-lo como uma ferramenta importante para os estudos da história da cultura escrita por mulheres negras e, consequentemente para a construção da sua história social.

Elementos de definição do gênero

Mesmo após quase sete décadas da edição publicada de *Quarto de Despejo*: *diário de uma favelada*, ainda nos deparamos com ataques constantes à obra e sua autoria.

Relembro aqui que, à época do falecimento de Audálio Dantas, primeiro editor de Carolina, seu amigo Mino Carta em um vídeo de homenagem ao jornalista classifica, dentre as características,

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Dantas como o escritor de *Quarto de Despejo*, algo que nem mesmo o próprio editor menciona. Além desse episódio, não há como esquecer que os diários foram alvo sequenciados de ataques, tendo sido questionados por muitos críticos editoriais quanto ao fato de o gênero ser considerado ou não literatura. Menciono também a questão da linguagem, analisada como destoante das normas padrão e culta do português, que, sob o olhar de muitos críticos, é um agravante para aceitação do lugar de texto literário. Não preciso dizer que os racismos que atravessam vida e obra da autora são as molas propulsoras para essas e outras falácias.

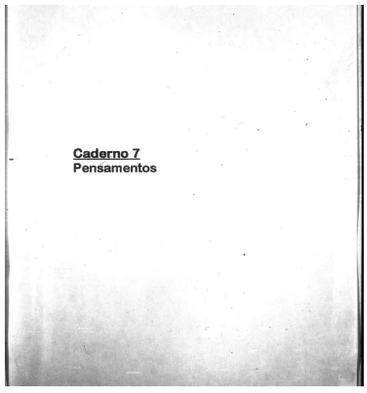
Quando resolvi trazer à vista este novo gênero que é o que chamo de Caderno de Pensamento, antecipei-me sobre a possibilidade de a composição textual sofrer dos mesmos ataques que experimentados pelos diários. Entretanto, antecipo-me na observação de que o Caderno de pensamentos, assim como os diários manuscritos por Carolina Maria de Jesus, quando transicionado para o escopo da produção de mulheres negras, deixa de ser um mero registro íntimo ou passatempo confessional — categoria subalternizada pela tradição literária ocidental — para se tornar um gênero de insurgência epistemológica e um arquivo de sobrevivência que guarda vestígios para reconstituição histórica de indivíduos e grupos sociais.

Mais uma vez, quando a história ocidental e o racismo estrutural cunharam estereótipos rígidos sobre a mulher negra, oscilando entre a "mãe preta" (hiperdisponibilidade servil), a "mulata hipersexualizada" (corpo sem intelecto) e a "negra raivosa" (passionalidade irracional), os quais operam para negar-lhes a racionalidade, a autoridade científica e o estatuto de criadoras de teoria — na tentativa de fixá-las ao mais absoluto silêncio e total desconhecimento de si e para si —, o caderno de pensamentos emerge como uma rasura dessa lógica.

Elementos constitutivos do testemunho

O material está localizado no arquivo MS 565(4), Caderno 7, e recebe o título de "Pensamentos".

Imagem 1: Capa do caderno



Fonte: Arquivo MS 565(4) - 437

Revista de Literatura Negra
Gongolo

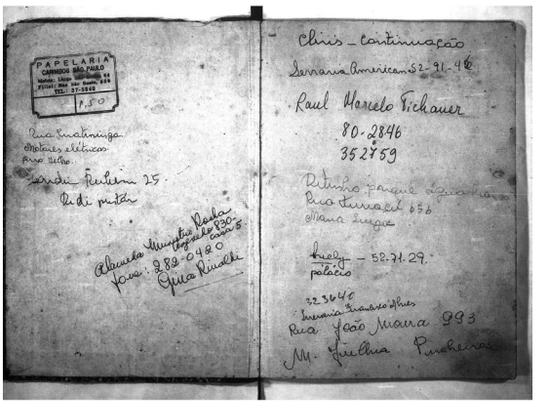
V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Como é possível observar na Imagem 1, a identificação do caderno, bem como o seu título, estão datilografados. Na sequência da capa, folhas duplas com anotações desorganizadas escritas à mão com caneta.

Na folha da esquerda, mais ao canto superior esquerdo, um carimbo timbrado de uma papelaria localizada na cidade de São Paulo com dados de endereço e telefone e mais abaixo um valor decimal manuscrito. Logo abaixo, igualmente escritos à mão, três endereços com letra similar à de Carolina Maria de Jesus.

Na folha da direita, centralizada a expressão "cliris – continuação", com sequência de endereços e nomes de pessoas abaixo um dos outros.

Imagem 2: Segunda capa do caderno 7.



Fonte: Arquivo MS 565(4) - 438

A aparição da expressão "Cliris – continuação" demarca um indício de que "Cliris", termo que aparece primeiramente nos diários de 1958, quando Carolina escreve: "Quando cheguei em casa esquentei a comida para os meninos êles comêram. e acharam gostosa passei o resto da tarde escrevendo, terminando o meu livro Cliris."[1] (JESUS, 05/05/1958) e, posteriormente, ela quando volta a mencionar o Caderno em "o bilhête dizia que a reportagem vae sair dia 10, no O Cruzeiro Que qualquer dia êle passa por aqui para pegar o caderno do Cliris. (JESUS, 08/06/1959) pode ou não se tratar de uma reunião de poemas, conforme foi publicado como tal em 2019 sob o título de *Clíris: poemas recolhidos*, ou esta 'continuação', assim expressa na capa supracitada, seja uma complementação de

1 Os trechos extraídos dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus tiveram sua escrita mantida conforme se apresentam no testemunho.

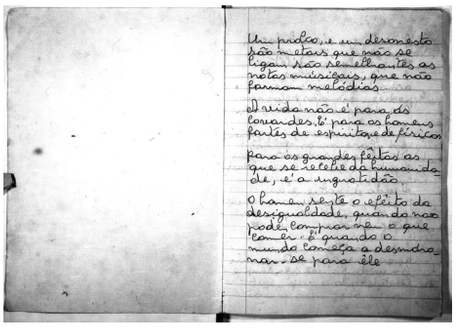
Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

pensamentos a um outro caderno anterior que era formado por poemas. Ainda não temos uma resposta. De todo modo, o que fica evidente é que a política de acervos deixou a desejar no cuidado para com o acervo de autoria negra no Brasil, contribuindo para a dispersão e perda massiva de um legado escrito por estas mãos. E, possivelmente, o quebra-cabeça das narrativas do povo negro tem inúmeras e importantes peças incompletas que demandarão novas estratégias para a reconstituição de seu quadro, sendo uma delas a fabulação crítica[2] (HATMANN, 2021)

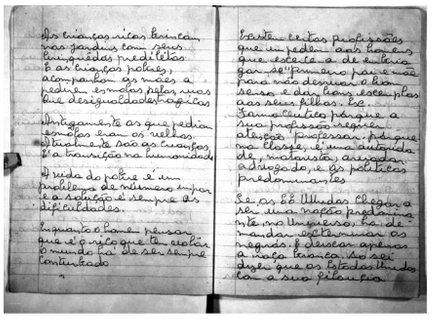
Alcanço o Caderno 7, quando buscava outros gêneros dentre o acervo de Carolina que eu adquiri para a construção da tese de doutoramento. O arquivo digitalizado MS 565(4) consta de 541 páginas. O Caderno em questão é composto de 88 páginas (páginas 437-524), sendo que a página 439 apresenta texto escrito apenas na folha da direita, enquanto as páginas 440 a 524 são folhas duplas manuscritas. Demonstro isso nas imagens 3 e 4 a seguir:

Imagem 3: Primeira folha dupla do texto do Caderno 7



Fonte: MS 565(4) - 439

Imagem 4: Segunda folha dupla do texto do Caderno 7



Fonte: MS 565(4) - 440

Folheando as páginas comprovei que os "pensamentos" da autora no Caderno, além de girar em torno de basicamente uma única temática, o comportamento humano, em boa parte da composição, apontava — desde os manuscritos editados e que deram origem à obra *Quarto de Despejo*, re-

2 Em "Vênus em dois atos", Saidiya Hartman apresenta o conceito: "A intenção aqui não é tão milagrosa como recuperar as vidas de pessoas escravizadas ou redimir os mortos, mas em vez disso trabalhar para pintar o quadro mais completo possível das vidas de cativos e cativas. Este gesto duplo pode ser descrito como um esforço contra os limites do arquivo para escrever uma História cultural do cativeiro e, ao mesmo tempo, uma encenação da impossibilidade de representar as vidas de cativos e cativas precisamente por meio do processo de narração. O método que guia essa prática de escrita é mais bem descrito como fabulação crítica. "Fábula" denota os elementos básicos da história, os blocos de construção da narrativa. Uma fábula, de acordo Mieke Bal, é "uma série de acontecimentos relacionados lógica e cronologicamente que são causados e experimentados por atores. Um acontecimento é uma transição de um estado a outro. Atores são agentes que realizam ações. (Não são necessariamente humanos.) Agir é causar ou vivenciar um acontecimento.(...) A intenção dessa prática não é dar voz ao escravo, mas antes imaginar oo que não pode ser verificado, um domínio de experiência que está situado entre duas zonas de morte – morte social e corporal – e considerar as vidas precárias que são visíveis apenas no momento de seu desaparecimento. É uma escrita impossível que tenta dizer o que resiste a ser dito (uma vez que garotas mortas são incapazes de falar). É uma História de um passado irrecuperável; é uma narrativa do que talvez tivesse sido ou poderia ter sido; é uma História escrita com e contra o arquivo.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

gistros de diários dos anos de 1955 a 1960 — as nuances do que ela já denominava os seus próprios pensamentos como poéticos. Observe algumas passagens[3]:

> O senhor tem todos diplomas completo. e eu tenho so dôis anos de grupo escolar. Sou preto. E se amar a patria, e ambiciono ver o Brasil suplantando outros paizes é porque tenho o pensamento poetico. E o poeta gosta de ver a sua patria na frente e o seu povo feliz. Mas, se eu não tivesse o pensamento poetico, crêio que eu gostava de baile, rua Direita e quem sabe se já havia morrido quêimada, no 28. (JESUS, 05/06/1958)

> O meu cerebro hoje esta Normal sem poesia, sem os pensamentos literarios que as vezes aborrece-me. Não é nada agradavel ter o pensamento poetico Eu fui catar papel. 24/06/1958

> — pensei: se ela soubesse como é horrivel ter o pensamento poetico! Quando os versos surgem, afasta o sono. O poeta, não domina a sua mente. 29/04/1959
>
> preparei o almôço para os filhos Estou com sono. Mas, se a nôite não se dorme na favela quanto mais de dia... Até quando meu Deus, eu hei de ficar aqui nêste purgatorio? Dizem que antes de nos vir ao mundo que pidimos a Deus o que queremos ser aqui na terra. Então eu fui tôla. porque pedi pensamento poetico, dramatico, e romantico com todo bagagem literaria que eu carrego no meu cerebro... não tenho socêgo. 28/05/1959

> — Ele apresentou-me como escritora. — As mulheres olhou-me de alto - a - baixo. Fiquei perturbada. Tinha a impressão de estar sendo focalisado pelo raio x. ofereceram-me café e bôlo. contei-lhes que custei descobrir que era poetisa Que pensei que era enfermidade Que o meu pensamento é classico e eu fui obrigada a ler o classico. para compreender os derrivados das frases. Que eu não posso sentar.
>
> Quando sento os versos emana-se Que a Editôra o cruzeiro vae publicar o meu livro. 11/12/1959

> — sou uma mulher igual as outras. so que tenho o pensamento poetico — 13/12/1959

3 Todas as cinco passagens que seguem foram suprimidas da edição impressa do livro *Quarto de Despejo* (1960), realizada por Audálio Dantas.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Já os trechos dos 'pensamentos' presentes no Caderno 7, até a página 478, possuem um mesmo padrão: são desenvolvidos em formato corrido, proseado, não tendo sido identificado nenhuma passagem com rima ou métrica que possam caracterizar a estrutura de um poema. Somente na página 479 do arquivo é que me deparo com um texto intitulado "O operário". Este estruturado como um poema, aparece também na obra póstuma *Clíris: poemas recolhidos*, já citada anteriormente. Porém é perceptível algumas divergências entre os dois testemunhos.

A historiografia literária evidencia o recorrente apagamento de obras de autoria negra por meio de violentas intervenções editoriais. Conforme discuti em Flôr (2023), dados quantitativos comprovam que a publicação de *Quarto de Despejo*, em 1960, resgatou meros 15% do universo de manuscritos equivalentes deixados pela autora. Essa supressão contradiz frontalmente o prefácio de Audálio Dantas, que qualificava sua interferência como mínima. A validação acrítica desse projeto de tutela editorial pela recepção silenciou, por décadas, a tessitura original do texto, resultando em uma disputa contínua pela salvaguarda da memória e da intelectualidade de uma escritora historicamente subjugada por propósitos alheios à sua poética de origem.

Longe de ser um problema superado, essa dinâmica de silenciamento reverbera na contemporaneidade. Editores atuais continuam a chancelar e publicar textos de Carolina Maria de Jesus que, se não confrontados criticamente com os originais, perpetuam o mesmo apagamento estético operado por Dantas na década de 1960. Contudo, à medida que os manuscritos da autora vêm à tona, torna-se evidente que as versões historicamente publicadas e comercializadas são as menos indicadas para o consumo do público e da crítica se não cuidadas com o devido rigor filológico-editorial. Prova cabal desse descompasso manifestou-se na edição de Fernandez e Pimentel, em 2019; se não apresentado testemunho comprobatório da escolha impressa adota, quando confrontada com os registros textuais da primeira metade do século XX, a publicação nos faz inferir que se trata de escolhas editoriais problemáticas as quais, em vez de restituir a autonomia literária de Carolina, reeditam a lógica da domesticação de sua escrita.

Na publicação de 2019, Fernandez e Pimentel organizam um material que se distribui em *Prólogo*, Seção de *Poemas*, Seção de *Canções* e Posfácios. Nesta seção última, em um texto escrito por Raffaella Fernandez, a pesquisadora aponta que Carolina Maria de Jesus desconhecia o significado da palavra Cliris e que "talvez a tenha escutado em seus momentos de inspiração de caráter psicográfico: "Achei bonita a palavra, mas não encontrei no dicionário. Mas isso não tem importância. Será mais uma contribuição minha à riqueza do nosso vocabulário"". (FERNANDEZ, 2019, p. 144). Outro dado que me chama atenção no texto remete ao fato de Fernandez citar que uma versão com 80 poemas publicada por um outro pesquisador de Carolina Maria de Jesus, José Carlos Sebe Bom Meihy, "não corresponde ao projeto da escritora, na medida em que não leva em consideração nem mesmo o próprio título do livro, que deveria ser, segundo ela, Clíris." (Idem, 145-146).

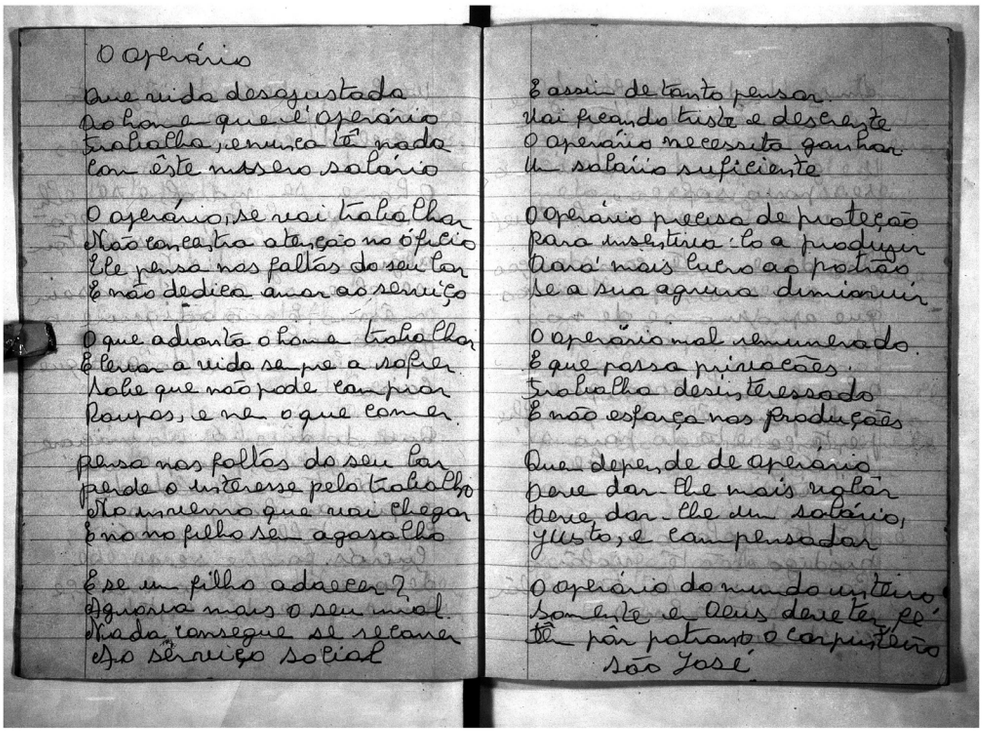
Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Surpreende-me que diante de tantas informações apresentadas por Fernandez, em seu texto, eu não tenha encontrado qualquer menção a este Caderno 7 que indica uma continuação de Clíris, tampouco referências materiais que sustentem as informações documentais citadas, uma vez que se tratam de ilações de valor histórico-filológico notadamente importantes sobre o acervo documental de uma das escritoras mais importantes deste país e que sofreu e ainda sofre afirmações caluniosas e sem qualquer fundamentação comprovada.

Peço licença aqui para transcrever o texto *O Operário* (Imagem 5 - página 479 do arquivo digitalizado) e, em seguida, indicar algumas anotações acerca do cotejo com a versão apresentada na organização de Fernandez e Pimentel de *Clíris: poemas recolhidos*, de 2019.

Imagem 5: Página 479 do Arquivo digitalizado MS 565(4)


O operário

Que vida desajustada
Do homem que é operário
Trabalha, e nunca têm nada
Com êste mesquinho salário

O operário, se vai trabalhar
Não concentra atenção no ofício
Ele pensa nas faltas do seu lar
E não dedica amor ao serviço

O que adianta o homem trabalhar
E levar a vida sempre a sofrer
Sabe que não pode comprar
Roupas, e nem o que comer.

Pensa nas faltas do seu lar
Perde o interesse pelo trabalho
Diz mesmo que vai chegar
E vai no filho ser agasalho

E se um filho adoece?
Aguarda mais o seu mal.
Nada consegue só recorre
Ao serviço social

E assim de tanto pensar
Vai ficando triste e descrente
O operário necessita ganhar
Um salário suficiente

O operário precisa de proteção
Para insentivar-lo a produzir
Dará mais lucro ao patrão
E a sua agonia diminuir

O operário mal remunerado.
E que passa privações.
Trabalha desinteressado
E não esforça nas produções

Que depende de operário
Deve dar-lhe mais valor
Deve dar-lhe um salário,
Justo, e compensador

O operário do mundo inteiro
Sonhe e Deus deve ter pé
De pôr patrono o carpinteiro
São José

O operário[4]	Operário
Que vida desajustada	Que vida desajustada
Do homem é que operário	Do homem que é operário
Trabalha, e nunca têm nada	Trabalha e nunca tem nada

4 Utilizo a mesma legenda para os lugares de crítica, apresentada na tese de doutorado (Flor, 2023): Azul para substituição, verde para acréscimos, vermelho para retirada ou inserção de pontuação e cinza para apagamento.

Revista de Literatura Negra Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Com êste misero salário	Com esse mísero salário
O operário, se vai trabalhar	O operário, se vai trabalhar,
Não concentra atenção no óficio	Não concentra a ideia no ofício
Ele pensa nas faltas do seu lar	Ele pensa nas faltas do seu lar
E não dedica amor ao serviço	E não dedica amor ao serviço
O que adianta o homem trabalhar	O que adianta o homem trabalhar
E levar a vida sempre a sofrer	E levar a vida sempre a sofrer
Sabe que não pode comprar	Ele não pode comprar
Roupas, e nem o que comer	Roupas e nem comer
Pensa nas faltas do seu lar	Com as faltas do seu lar
Perde o interesse pelo trabalho	Perde o interesse pelo trabalho
No inverno que vai chegar	No inverno que vai chegar
E no no filho sem agasalho	E os filhos sem agasalho
E se um filho adoecer	E se um filho adoecer,
Agrava mais o seu mal.	Agrava mais o seu mal
Nada consegue se recorrer	E não adianta recorrer
Ao serviço[5] social	Ao serviço social
E assim de tanto pensar	E assim de tanto pensar
Vai ficando triste e descrente	Vai ficando triste e descrente,
O operário necessita ganhar	Operário precisa ganhar
Um salário suficiente	Um salário suficiente
O operário precisa de proteção	Um operário precisa de proteção
Para insentivá-lo a produzir	Para ele poder produzir
Dará mais lucro ao patrão	Dará mais lucro ao patrão
Se a sua agrura diminuir	Se sua agrura diminuir
O operário mal remunerado	Operário mal remunerado
E que passa privações	E que passa privações
Trabalha desinteressado	Trabalha desinteressado
E não esforça nas produções	Não esforça nas produções
Quem depende de operário	Quem depende de operário
Deve dar-lhe mais valôr	Deve dar-lhes uma valor
Deve dar-lhe um salário,	Deve dar-lhes um salário

5 Rasura que impossibilita identificar se se trata de um acento.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Justo, e compensador Justo e compensador.

O operário do mundo inteiro
Somente em Deus deve ter fé
Têm pôr patrono o carpinteiro
São José

Opto por marcar na transcrição do testemunho manuscrito os lugares de crítica com as alterações sofridas em relação à versão de 2019. Além das vírgulas alteradas as quais, ao passo que, no testemunho manuscrito, representam a pausa dada pela escritora que marca o ritmo de sua construção, no texto póstumo publicado é explicitamente uma correção normativa de escolha dos organizadores.

Dentre todas as alterações marcadas, quero ressaltar especificamente o que acontece na segunda, quarta e quinta estrofes. Primeiramente, a substituição feita pelos editores do impresso do vocábulo "atenção" pelo sintagma "a ideia" pode ocasionar um processo de indução ao erro. Uma substituição desta esfera não apenas corrige o texto para a norma culta, como o força a parecer mais simplório e folclórico do que ele realmente era. Tecnicamente, isso pode ser explicado por três fatores:

i) **a construção deliberada do estereótipo da "autora ingênua":** Ao trocar "atenção" por "ideia", a versão publicada em 2019 expõe uma violência identitária. Carolina, apesar da baixa escolaridade formal, era uma leitora voraz e conhecia palavras com forte rebuscamento. Ela sabia exatamente como descrever o processo psicológico do trabalhador. Quando uma edição intervém e a escolha aponta para "ideia" (uma expressão mais ligada à oralidade popular), ela está operando para que o texto se ajuste ao que o mercado esperava de uma mulher negra e favelada: uma escrita sem sofisticação, puramente instintiva e "matuta". O editor rouba a precisão vocabular de Carolina para trancá-la no estereótipo da ignorância.

ii) **a perda da precisão psicológica (O "Efeito de Produtividade"):** Como vimos antes, "concentrar a atenção no ofício" é a descrição exata do operariado. Carolina Maria de Jesus estava fazendo uma crítica social precisa sobre como a miséria doméstica destrói a capacidade produtiva e a concentração do trabalhador no regime capitalista. É um termo analítico. Ao mudar para "não concentra a ideia", o editor transforma uma análise social precisa em uma imagem quase caricatural. Soa como se a personagem estivesse "com a cabeça nas nuvens", "voando" ou sem capacidade mental para focar, esvaziando a precisão crítica do comentário da escritora sobre a exploração do trabalho.

iii) **o "Racismo Linguístico" e o Marketing da Miséria:** Existe um fenômeno no mercado editorial que busca vender o autor marginalizado como um "primitivo exótico". Para que o livro de Carolina chocasse e vendesse na época, os editores achavam que o texto precisava parecer o mais "puro" e "inculto" possível. Se Carolina escrevesse de forma muito correta ou sofisticada, o público burguês e

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

racista da época poderia desconfiar da autenticidade do texto ou, pior, aceitar que uma mulher negra e favelada possuía pleno domínio do pensamento formal. Tem-se aí uma armadilha editorial: substituir "atenção" por "ideia" pode soar como uma tentativa de "manchar" o texto propositalmente, de forçar uma oralidade que, naquele verso específico, Carolina tinha escolhido superar.

Portanto, a opção original de Carolina (*atenção*) era infinitamente superior e mais sofisticada porque demonstrava autonomia literária: ela escolheu a palavra precisa para a sua denúncia. Não apresentar comprovações do suporte que originou o texto impresso publicado contribui para o entendimento de que a alteração do editor foi um ato condescendente que tentou moldar a escrita de Carolina Maria de Jesus ao tamanho do preconceito da elite da época.

Na quarta estrofe, a substituição adotada é igualmente complexa. No manuscrito ("Pensa nas faltas... / Perde o interesse..."), há uma estrutura de parataxe (justaposição de orações sem conectivos explícitos). O nexo causal entre o pensamento e a perda de interesse não está 'mastigado' por uma conjunção: ele é construído na mente do leitor através do ritmo e da sequência das ações. Essa escolha confere modernidade, crueza e um ritmo quase cinematográfico ou de fluxo de consciência ao poema. Já na edição impressa, ("Com as faltas... / Perde o interesse..."), a primeira linha é reduzida a um adjunto adverbial de causa ("Com as faltas"). A sintaxe se torna rigidamente lógica, linear e tradicional. É uma correção que empobrece a musicalidade e a liberdade formal do verso livre.

Outro ponto a observar é a eliminação do verbo de atividade mental: Pensa. O motor da desilusão com o trabalho é o ato intelectual de refletir sobre a própria condição ("Pensa nas faltas"). O eu-lírico não é um joguete passivo da miséria: é um sujeito pensante, consciente de sua escassez. A depressão ou o desinteresse pelo trabalho nasce da consciência da desigualdade e da falta, o que dá à personagem uma profunda agência psicológica e intelectual. Ao substituir, "Pensa nas faltas" por "Com as faltas", elimina-se o processo reflexivo. O nexo passa a ser de determinismo puramente material: a falta de coisas no lar gera, mecanicamente, a falta de interesse no trabalho. O sujeito deixa de ser alguém que reflete sobre sua dor e passa a ser alguém que apenas reage, quase instintivamente, à carência material.

O perigo do acesso à versão impressa de 2019 exclusivamente é que esta ilustra o que a literatura acadêmica contemporânea chama de paternalismo editorial ou racismo linguístico, acentuado pelo perfil de uma autora negra e de pouca escolaridade formal.

Existe ainda um preconceito estrutural que dita que escritores marginalizados só conseguem produzir uma literatura "documental", "crua" e "espontânea", despida de elaboração estética ou intelectual. Ao "corrigir" ou sugerir a troca do testemunho manuscrito, o resultado, tal como apresentado na edição impressa, opera sob a lógica inconsciente de que o texto de uma mulher nessas condições deve ser direto, puramente factual e focado na engrenagem da sobrevivência. Retira-se dela a capacidade de usar recursos sofisticados como a parataxe e, pior, retira-se do poema a própria representação do

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

pensamento e da intelectualidade da mulher negra. O produto apresentado no impresso engessa a autora no papel da "vítima passiva da realidade", enquanto a primeira opção a coloca no papel de analista crítica da sua própria existência.

Por fim, a quinta estrofe expõe, mais uma vez, as tensões entre uma edição que busca a "padronização gramatical" e a força de uma poética da oralidade e da urgência social. Embora o manuscrito traga desvios da norma culta, carrega uma densidade dramática e uma verdade histórica que a segunda versão esvazia quando, como apresentada, se mostra mais fluida ou "correta".

A construção do terceiro verso da quinta estrofe no manuscrito apresenta uma aparente irregularidade sintática ("Nada consegue se recorrer"). Tecnicamente, há uma inversão e uma fusão de estruturas que, sob a ótica da gramática tradicional, seriam consideradas um erro. No entanto, na poética da subalternidade, essa fratura sintática é altamente expressiva.

Em "Nada consegue se recorrer", o pronome "Nada" colocado na posição de sujeito confere uma sensação de bloqueio absoluto. Não é apenas a pessoa que não consegue; é a própria realidade em que "nada se move", "nada funciona". A inversão verbal mimetiza o nó cego da burocracia do Estado: a impotência de quem tenta acessar o direito e encontra as portas fechadas. Há uma crueza nessa sintaxe truncada que reflete o desespero do momento. Já em "E não adianta recorrer", a edição limpa o verso, introduzindo uma expressão idiomática perfeitamente aceitável e fluida ("não adianta"). O problema é que "não adianta" é uma expressão que carrega uma dose de resignação. Ela suaviza o impacto. A agressividade da barreira institucional (o "nada consegue") é transformada em um lamento quase coloquial e conformado ("não adianta").

Há ainda uma diferença semântica crucial entre os verbos utilizados. No testemunho manuscrito "Nada consegue...", o foco está na tentativa frustrada e na falha do sistema. O sujeito tenta o recurso, mas esbarra na impossibilidade mecânica e burocrática do atendimento. O Serviço Social surge como uma engrenagem estatal emperrada para os corpos marginalizados. No testemunho impresso "E não adianta...", o foco muda para a inutilidade da ação. Dizer que "não adianta recorrer" antecipa o fracasso e desestimula a tentativa. Politicamente, isso altera a percepção da crítica social: deixa de ser uma denúncia sobre a falha ativa do Estado em responder à demanda ("nada consegue") e passa a ser uma constatação passiva de que o sistema é inútil.

A inserção da conjunção e da pontuação na segunda versão ("E se um filho adoecer, [...] **E** não adianta...") busca dar ao poema uma linearidade discursiva e uma eufonia (som agradável e fluido) típicas da poesia tradicional ou de uma estrutura mais polida. Remover a estranheza de "Nada consegue se recorrer" retira do texto a marca da oralidade e da classe social da autora. Essa "limpeza" textual parte do mesmo pressuposto estereotipado analisado anteriormente: o de que o leitor precisa ser poupado das marcas linguísticas da exclusão. Ironicamente, na escrita testemunhal, como a de Ca-

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

rolina Maria de Jesus, são justamente essas fraturas na linguagem que atestam a autenticidade da dor e o lugar de enunciação da autora. Enquanto seu texto, escrito no século XX, raspa na ferida; a edição de 2019 coloca um curativo estético para torná-la mais palatável. Reforço: o cuidado com as escolhas textuais adotadas no processo de edição podem gerar danos na compreensão da obra pela recepção.

Após o poema "O operário", Carolina Maria de Jesus volta a escrever seus 'pensamentos' sobre o comportamento. Na página 483 do arquivo, ela começa um pensamento maior que se estende até o final da página 484 sobre como Jesus Cristo era visto à época pelos israelitas e, também, como era tratado. O texto não deixa de falar de comportamento social do indivíduo, mas aponta um caráter analítico tal como a estrutura adotada por Carolina em toda a sua obra.

O caderno de pensamentos nos mostra que Carolina detinha uma bagagem intelectual expressiva. Para além da voracidade leitora e do empenho pela aquisição de conhecimentos, ela constituiu seu capital intelectual correlacionando as informações provenientes de seu processo de aprendizagem particular com a percepção aguçada acerca da 'escola da vida'. A escritora soube teorizar sobre a vida em sociedade e todos os seus atravessamentos incutindo suas leituras de forma precisamente analítica. É daí que percebemos nos diários, nos romances e tantos outros gêneros por ela escritos atravessados por esses 'pensamentos' como uma estratégia para corroborar seu olhar crítico. Esse crivo intelectual foi totalmente apagado do texto dos diários nas edições de 1960 de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* e 1961 de *Casa de Alvenaria*. Sem contar que, no que respeita a esta segunda obra publicada e que não alcançou tanto sucesso quanto a primeira, uma parcela significativa do texto também editado por Audálio Dantas ainda são de registros do diário com Carolina Maria de Jesus e seus filhos ainda morando na favela do Canindé.

Quando *Casa de Alvenaria* é reeditada pela Editora Companhia das Letras e publicada seis décadas depois sob a égide da única filha viva da escritora, Vera Eunice de Jesus Lima, e com um corpo editorial majoritariamente negro, a escolha editorial adotada por este grupo gera muitas polêmicas na recepção nacional. Tal evento evidencia que determinados conhecimentos acerca da materialidade do texto direciona leitores de todas as esferas a tecer críticas infundas e rasas, a exemplo do fato de ter mantido a escrita não-normativa da escritora.

Na edição de 2021, *Casa de Alvenaria* se converte em dois volumes: *Casa de Alvenaria: volume 1 Osasco* e *Casa de Alvenaria: volume 2 Santana*. Em resumo, o conselho editorial do projeto escolheu começar o texto pelo momento em que Carolina Maria de Jesus sai da favela do Canindé, proposta real da obra desde o seu início. Ainda que algumas intervenções tenham sido feitas na edição ali apresentada, o labor editorial adotado pelo conselho do qual fiz parte se propõe a apresentar critérios de edição que comunica à recepção as escolhas estabelecidas.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Critérios de Definição do Gênero

Ainda em Flor (2023), eu trago uma definição em desenvolvimento que é a *escrita de reconstituição afirmativa*, que se apresenta como em um contexto histórico de silenciamento das expressões do povo negro:

> Essa escrita que possivelmente nasce na literatura pela permissão dada para o direito a ficcionalizar, é produzida por mãos negras que planeiam a reconstituição da memória destroçada pelo processo de subjugação, uma memória reconstituída e que vai se lançar enquanto material estético. E como isso se dá? Essas mãos negras que escrevem não têm um ponto de origem como referência, porém têm em si a guarda de que seus antepassados não surgiram do destroço. A construção da ficcionalização é uma forma de teorizar a partir dos episódios experienciados. Pensar este tipo de escrita é preencher as lacunas que a história da escrita deixou na narrativa do conhecimento. (Flor, 2023, p. 106)

Contudo, o que Carolina Maria de Jesus traz como contribuição a partir de suas produções é que esta escrita de reconstituição afirmativa pode se dar não apenas por meio da ficcionalização, mas também de uma escrita notadamente não-ficcional, mas que flerta com a escrita de foro íntimo e, por vezes, privado.

Seja nos cadernos, nos provérbios e agora com a escrita de um 'caderno de pensamentos', é possível observar que os excertos do caderno são resultantes de olhares da escritora para suas vivências.

Por ora, tenho apenas indícios de que o Caderno 7 tenha sido escrito concomitantemente aos diários de 1958 e 1959. Neles, inclusive, a autora nos brinda com uma reflexão interessante[6]:

> **Não tenho café porque esqueci de pedir a Dona Julita.**
>
> **A Vera quando desperta quer café Mas, quem é pobre não pode beber café. E eu ja plantei café. A terra ainda continua nos dando tudo ao dôbro é so plantar. Mas quem gosta de plantar, não tem terras. E os que tem terras, gosta de explorar.**
>
> **E o colono foi compreendendo que êle é quem trabalha, e o fazendeiro é quem enrriqueçe e foi perdendo o seu amôr a terra. Nos Estados Unidos o homem compra terra e planta para êle e vae pagando aos poucos. Mas aqui no Brasil não ha organisação. Quem predomina e dirige o Brasil são os brancos ricos, criados dentro dos bôlsos de viludos**
>
> **Dirige o Brasil teoricamente e não praticamente.**

6 Manterei na cor cinza os elementos apagados e que foram suprimidos na edição impressa do livro *Quarto de Despejo*.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Olha o senhor Kubsticheque:

Nasçeu na cidade, criou-se na cidade, estudou médicina

Não conheçe agronomia Não conheçe agricultura foi criado no bolso de viludo será que êle sabe que na terra

êxiste varios tipos de pedras.

Um politico não pode ser calouro precisa saber. O senhor Kubstcheque esta no palco e não sabe cantar.

— cuidado com a vaia, ou o gongo.

— Onde esta os teus progétos Kubstcheque? Esta obsconso?

Apressenta-o ao povo.

Reabilita-te. E o senhor será reelêito. A terra continua multiplicando. Os seculos passam, e ela continua nos dando em dôbro. E o homem sonega. Visando preços altos para que tanta ambição? so para os seus? pensa nos outros. Quem sorri atualmente e so os negociantes que podem explorar o povo. Enquanto os governos finge ignorar as nossas atribulações. São Luiz Rei de França dizia: um governo quando sentar-se a mêsa para comêr deve pensar que o seu povo tambem esta saciando a fome. Mas os nossos não são assim pensam em melhorar unicamente so as condicões de vida d êles

Eu não posso tolérar a deficiência

Ninguem acustuma com a fome. se o povo não dicidir, não enforcar a tal democracia estarão perdido. Quem deve dirigir é quem tem capacidade. quem tem dó e amisade ao povo

Quem governa o nosso paiz é quem tem dinheiro quem não sabe o que é a fome. a dôr e aflição do pobre.

Se a maioria revoltar-se, o o que pode fazer a minoria?

Eu estou ao lado do pobre que e o braço. Braço desnutri do. precisamos livrar o paiz dos politicos açambargadores.

Eu hontem comi aquêle macarrão do lixo com reçêio de morrer. porque em 1953. eu vendia ferro lá no zinho. **Na rua godoy preto.**

Havia um pretinho bonitinho.

E para nós, o preto bonito, é aquêle que tem o nariz afilado

— E é tão raro!

Ele ia vender ferro no zinho

As pessôas que catam ferros e latas, são dessignadas, moam bêiras. E nem sempre a moamba para catar. Tem pessôas que catam ferros, mas tem vergonha de citar

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

> **o seu oficio. Achando que é humilhante.**
>
> Ele era jovem. E dizia que quem deve catar papel são os velhos
>
> Um dia eu ia vender ferro quando parei na Avenida Bom jardim. No lixão. como é denomi nado o local. (JESUS, 21/05/1958)

A partir de uma circunstância cotidiana — a ausência de café em casa e o desejo da filha, Vera Eunice, de tomar a bebida ao acordar —, Carolina Maria de Jesus desenvolve uma sofisticada reflexão sobre o direito à terra, a estrutura fundiária no Brasil e a atuação da classe política. Em seguida, a autora retorna à descrição de seu cotidiano íntimo, em uma recorrência constante que demonstra como sua escrita transita organicamente entre a teoria e a prática. Nesse movimento, e como faz questão de demarcar em diferentes passagens de seus manuscritos, Carolina mobiliza evidências de suas leituras para respaldar suas posições, como se observa quando afirma:

> São Luiz Rei de França dizia: um governo quando sentar-se a mêsa para comêr deve pensar que o seu povo tambem esta saciando a fome. Mas os nossos não são assim pensam em melhorar unicamente so as condicões de vida d êles

Esse fragmento evidencia que a densidade intelectual de Carolina manifesta-se de forma estratégica: ela legitima suas próprias reflexões amparando-se em nomes de expressivo respaldo social. Ao evocar personalidades de múltiplos setores e de diferentes áreas do conhecimento, tanto nacionais quanto estrangeiras, a autora demonstra que seu pensamento não está isolado. Carolina maneja seu repertório sociocultural de forma produtiva e pertinente, sinalizando a leitura como sua aliada e companheira de vida.

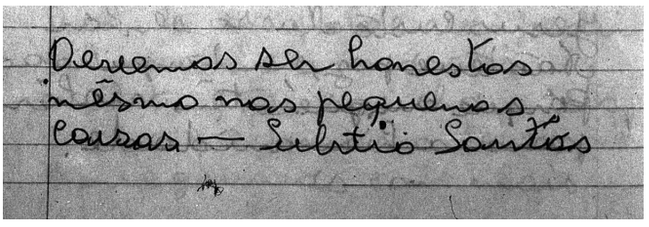
Desse modo, quando Audálio Dantas escolhe silenciar as passagens em que a escritora articula esse referencial bibliográfico, ele opera uma violência política profunda (Flôr, 2023). Em um país como o Brasil, onde historicamente o livro e o acesso à leitura são convertidos em marcadores de distinção social e sofisticação, o apagamento deliberado desse repertório serviu ao propósito de segregar a autora, destituindo o corpo negro e marginalizado de sua reconhecida capacidade de formulação teórica.

No caderno 7, à página 496, Carolina também faz anotações do que possivelmente se trata de afirmações de pessoas públicas, como se pode ver na Imagem 6:

Imagem 6: Trecho do Caderno 7 (folha esquerda)

Revista de Literatura Negra Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro



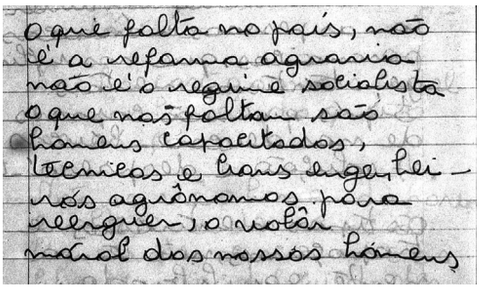
Fonte: MS 565(4) – página 496

Transcrição: *Devemos ser honestos mêsmo nas pequenas coisas – Silvio Santos*[7]

É importante fazer a releitura desse caderno como uma tecnologia de produção negra. O que Carolina nos entrega com a escrita deles é que a publicização de suas reflexões, crenças, de seus posicionamentos podem nos dar vestígios de uma história social que ficou pausada.

No momento em que estendemos a análise desses "pensamentos" para suportes como cartas, bilhetes, anotações em livros pessoais e cadernos de notas, deparamo-nos com materiais cujos conteúdos oferecem pistas cruciais para preencher as lacunas que insistem em permear as narrativas do povo negro. É por essa razão que tais fragmentos textuais não obedecem — e nem poderiam obedecer — a uma extensão padrão. A oscilação entre registros ora mais concisos (Imagem 7 e 8), ora mais extensos (Imagem 9 e 10), revela graficamente a dinâmica da cognição e da própria mente de Carolina Maria de Jesus, uma mulher cujas inquietações intelectuais se materializavam em tempos, espaços e lampejos distintos do cotidiano.

Imagem 7: Trecho do Caderno 7



Fonte: MS 565(4) – página 501

Transcrição: *O que falta no país, não é a reforma agraria não é o regime socialista o que nos faltam*

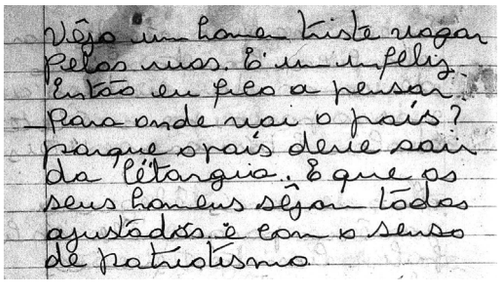
7 Silvio Santos (nome artístico de Senor Abravanel) foi um dos maiores apresentadores e empresários da história do Brasil. Nascido em 1930 no Rio de Janeiro, começou a vida como camelô e construiu um império de comunicação, sendo o fundador do SBT e do Baú da Felicidade. Ele faleceu em 17 de agosto de 2024, aos 93 anos.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

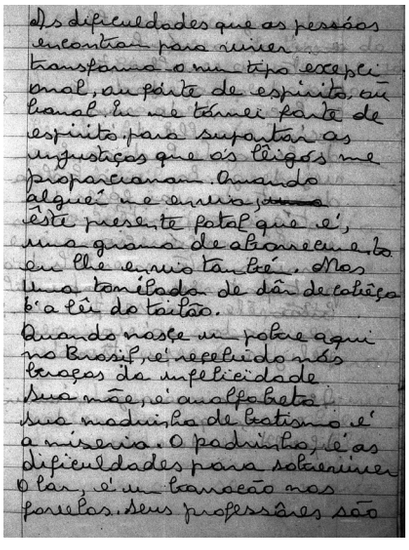
são homens capacitados, tecnicos e bons engenheiros agrônomos. para reerguer, o valôr moral dos nossos homens

Imagem 8: Trecho do Caderno 7


Vêjo um homem triste vagar
pelas ruas. É um infeliz.
Então eu fico a pensar.
_ Para onde vai o país?
Porque o país deve sair
da létargia. E que os
seus homens sêjam todos
ajustados e com o senso
de patriotismo

Transcrição: *Vêjo um homem triste vagar pelas ruas. É um infeliz Então eu fico a pensar. _ Para onde vai o país? Porque o país deve sair da létargia. E que os seus homens sêjam todos ajustados e com o senso de patriotismo*

Imagem 9: Trecho mais longo do Caderno 7


As dificuldades que as pessôas
encontram para viver
transforma-o num tipo excepcional, ou forte de espirito, ou
banal. Eu me tornei fonte de
espirito. para suportar as
injustiças que os lêigos me
proporcionam. Quando
alguém me envia,
êste presente fatal que é,
uma grama de aborrecimento
eu lhe envio também.
Mas uma tonélada
de dôr de cabêça
É a lêi do tailão.
Quando nasce um pobre aqui
no Brasil, é recebido nos
braços da infelicidade
Sua mãe, é analfabeta.
sua madrinha de batismo é
a miseria. O padrinho, é as
dificuldades para sobreviver
o lar, é um barracão nas
favelas. Seus professôres são

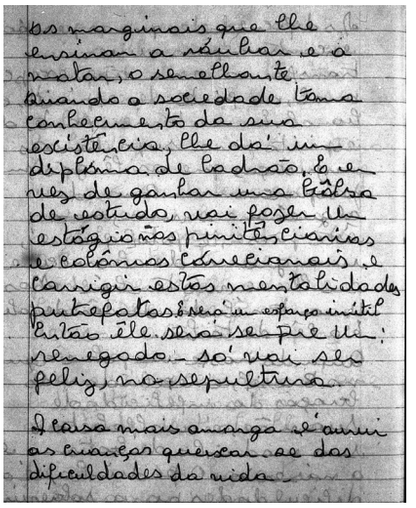
Transcrição: *As dificuldades que as pessôas encontram para viver transforma-o num tipo exepcional, ou forte de espirito, ou banal. Eu me tornei fonte de espirito. para suportar as injustiças que os lêigos me proporcionam. Quando alguém me envia, este presente fatal que é, uma grama de aborrecimento eu lhe envio também. Mas uma tonélada de dôr de cabêça É a lêi do tailão. Quando nasce um pobre aqui no Brasil, é reçebido nos braços da infelicidade. Sua mãe, é analfabeta. sua madrinha de batismo é a miseria. O padrinho, é as dificuldades para sobreviver o lar, é um barracão nas favelas. Seus professôres são*

Fonte: MS 565(4) – página 496

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Imagem 10: Trecho mais longo do Caderno 7


os marginais que lhe
ensinam a roubar e a
matar, o semelhante
Quando a sociedade toma
conhecimento da sua
existência, lhe dá um
diploma de ladrão. E em
vez de ganhar uma bôlsa
de estudo, vai fazer um
estágio nas pinitênciarias
e colônias correcionais e
corrigir estas mentalidades
putrefatas E será um esforço inútil
Então êle será sempre um:
renegado — só vai ser
feliz, na sepultura.

A coisa mais amarga é ouvir
as crianças queixar-se das
dificuldades da vida.

Transcrição: *os marginais que lhe ensinam a roubar e a matar, o semelhante Quando a sociedade toma conhecimento da sua existência, lhe dá um diploma de ladrão. E em vez de ganhar uma bôlsa de estudo, vai fazer um estágio nas pinitênciarias e colônias correcionais e corrigir estas mentalidades putrefatas E será um esforço inútil Então êle será sempre um: renegado — só vai ser feliz, na sepultura.*

A coisa mais amarga é ouvir as crianças queixar-se das dificuldades da vida.

Fonte: MS 565(4) – página 497

Na imagem 10, observa-se o fim do texto que iniciou na imagem 9 e há um 'pensamento' curto com uma informação diferente. Tal distância entre as abordagens é uma forma de perceber que, ao utilizar o Caderno 7 e a proposta de um 'caderno de pensamento' como suporte de análise, esses trechos podem formar, amparados em métodos como a fabulação crítica e a escrevivência, a costura narrativa da história social de um povo dissidente.

Conceituada por Conceição Evaristo, a *escrevivência* não é mera autobiografia. É a escrita que se calca na vivência do corpo negro, borrando a fronteira artificial entre a história individual e a memória coletiva. No caderno de pensamentos, a escrita deixa de ser um ato de distanciamento elitista e passa a ser o compromisso de "grafar o que se vive".

Há nessa estrutura composicional, uma desobediência epistêmica e uma rejeição da "neutralidade", uma vez que o pensamento ocidental exige o distanciamento do sujeito e a pretensa universalidade (que, na verdade, é branca e masculina). O uso de um gênero, como o caderno de pensamentos, se estabelece para teorizar a partir da margem. Como pontua bell hooks, o uso da primeira pessoa e a fusão entre teoria e dor/afeto não diminuem o rigor; pelo contrário, expõem os limites da ciência hegemônica.

Neste contexto, o caderno é apresentado como um laboratório de contranarrativas. Frente ao apagamento histórico, o caderno funciona como repositório de fatos, reflexões e subjetividades que o arquivo colonial rejeitou ou distorceu. Ele subverte o estereótipo da "irracionalidade" ou "raiva" (Lorde, 2019) ao demonstrar uma autocrítica profunda, análise conjuntural e sofisticação intelectual através do fragmento.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Retorno aí à ideia de apropriação da "arma da Casa Grande", pois, enquanto a fala da mulher negra historicamente foi silenciada ou restrita à oralidade subordinada, a tomada da escrita — mesmo em suportes precários — funciona como uma invasão ao território do colonizador para desestabilizá-lo. É uma escrita, como diz Evaristo, "para acordar os da casa-grande".

Finalizando sob linhas teórico-literárias fundamentais

Ao longo de todo esse texto, tentei deixar evidente que Carolina Maria de Jesus, até o presente momento, é quem expõe a maior expressão material do caderno como gênero. Seus cadernos, preenchidos com a estrutura de diários e que deram origem às suas duas primeiras obras publicadas, por muito tempo, foram sistematicamente lidos pela crítica branca como mero "relato documental da fome". No entanto, o pensamento negro deve reivindicar Carolina como uma filósofa e analista política. Seus cadernos trazem reflexões existenciais e uma teorização robusta sobre o Estado, a opressão de classe e o racismo, operando a partir de uma rota não convencional de intelectualidade.

Amparando-me em Conceição Evaristo que, como já disse, foi responsável por teorizar e dar nome à Escrevivência, observo, em seus ensaios, a exemplo de *Da grafia-desenho de minha mãe*, que ela desconstrói a noção de cânone ocidental e demonstra como as mulheres negras criam teoria na prática cotidiana, transmitindo memórias e insurgências através de registros que desafiam os formatos tradicionais do mercado editorial, corroborado pelas práticas de Carolina Maria de Jesus.

No traçado das linhas escritas por estas mulheres que historicamente ocuparam posições que lhes permitiram observar as contradições das estruturas de poder, seja nas cozinhas ou nas academias, resgato Patrícia Hill Collins (2019) que conceitua o lugar da *outsider within* (a estrangeira de dentro). O caderno de pensamentos reflete essa visão privilegiada: uma criticidade científica aguçada que passa despercebida pelo olhar eurocêntrico engessado.

Por fim, e não menos importante, Lelia Gonzalez é fundamental para entender como a linguagem e a escrita das mulheres negras operam a descolonização. Gonzalez expõe o "pretoguês" e as formas de expressão subalternizadas pela elite branca guardam a verdadeira sofisticação intelectual e a memória viva da resistência cultural e política das mulheres negras na Diáspora.

O caderno de pensamentos de Carolina Maria de Jesus, portanto, não deve ser lido sob a régua da literatura confessional ocidental, mas sim como um dispositivo de poder, conceituação e autodefesa intelectual.

As discussões em torno do Caderno 7, ao qual intitulei "Caderno de Pensamentos" não se encerra aqui. Estabeleço formalmente meu compromisso, através desse texto, de num futuro próximo, trazer a público a edição filológica do documental aportado de um estudo ainda mais fundamentado.

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19929
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Referências

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política de empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2026.

FLÔR, Verônica de Souza Santos. **"Esta claro que ele estando na sala de jantar não vae ver o que presta no quarto de despejo"**: Edição de manuscritos referente a Quarto de Despejo: diário de uma favelada. Tomo 1. Salvador. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia. Tese de doutorado. 2023. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38616

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... 1ª ed. Diáspora africana: Editora Filhos da África, 2018.

HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. In: Hortense J. Spillers *et al*. Pensamento negro radical. Organização: Clara Barzaghi, Stella Z. Paterniani, André Arias. Traduzido por Allan K. Pereira *et al*. São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N-1 edições, 2021.

hooks, bell. **Erguer a voz:** pensar como feminista, pensar como negra. Tradução: Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Clíris:** poemas recolhidos. Organização: Raffaella Fernandez e Ary Pimentel. Rio de Janeiro: Desalinho, Ganesha Cartonera, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**, vol. 1: Osasco. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. (Cadernos de Carolina, 1)

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**, vol. 2: Santana. 1ª ed. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. (Cadernos de Carolina, 2)

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução: Stephanie Borges. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.